PROPOSTA DE REDAÇÃO DO TEXTO LIDO EVIDEOAULA SOBRE A CARTA ARGUMENTATIVA DE RECLAMAÇÃO/DE SOLICITAÇÃO

Entre a cultura do individualismo e a manutenção de valores sociais
Texto Motivador

Bem comum passa pela educação e solidariedade

Marina Dias

O bem comum é o objetivo que une os homens em sociedade e determina o modo como devem se organizar. A atual era individualista que vivemos, com bases na especulação financeira, coloca-se contrária ao coletivismo e, consequentemente, à prática do bem comum. Para discutir a aplicação desse conceito e entender sobre os caminhos que levam à solidariedade, o Espaço Cidadania entrevistou Luiz Roberto Alves, que atualmente é professor titular do Programa de Pós-graduação em Administração e coordenador acadêmico da Cátedra de Gestão de Cidades da Universidade Metodista de São Paulo.

Espaço Cidadania: As pessoas estão preocupadas com o bem comum ou voltadas para os interesses particulares?
Luiz Roberto Alves: Eu não generalizaria. As maiorias lutam pelo seu espaço, ganho, sobrevivência. No entanto, organizações e movimentos sociais em todo o mundo se movimentam pelo ambiente saudável, por reivindicações de políticas de qualidade, pela transparência nas coisas públicas e pelo direito à migração, ou por fazer da saúde um direito universal.

Espaço Cidadania: Por que o coletivismo enfatiza o bem comum?
Luiz Roberto: Em vez de pensar o coletivismo, prefiro pensar os projetos comunitários. Pensar comunitariamente é uma tendência minoritária, mas forte, como condição para nos localizarmos na globalidade com identidade.

Espaço Cidadania: Quais são as formas de atingir o bem comum nessa sociedade individualista?
Luiz Roberto: Visar e buscar o bem comum implica participar de ações de educação social e de cultura política em nossas cidades. Fazer, como diria Paulo Freire, leituras de palavra e mundo. Descobrir novos códigos de relações humanas e fazer a crítica do tipo de sociedade em que fomos envolvidos. Denunciar o "financismo" que agora nos rouba as economias e os sacrifícios feitos em décadas. Educar as novas gerações para a solidariedade e para o entendimento da cultura como construção de valores simbólicos a favor do que é comum, local e universal a um só tempo, próximo e distante.

Disponível em: <http://www.metodista.br/cidadania/numero-63/entrevista>.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Escreva uma **carta argumentativa de solicitação** à escritora Marina Dias, posicionando-se em relação às ideias sobre *a cultura do individualismo e a manutenção de valores sociais,* defendidas por Luiz Roberto Alves, professor titular do Programa de Pós-graduação em Administração e coordenador acadêmico da Cátedra de Gestão de Cidades da Universidade Metodista de São Paulo, e solicitando o apoio, o engajamento dela na construção de uma realidade mais solidária em nossos dias. Para construir seus argumentos, relacione dados e fatos que possam convencer o seu interlocutor a acatar o seu ponto de vista. Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

Texto trabalhado na videoaula

Uberlândia, 5 de junho de 2020.

À Senhora Marina Dias,

Recentemente li uma de suas matérias em que você entrevistava o senhor Luiz Roberto Alves. Ele confabulava a respeito da antítese: bem comum versus interesses particulares. Confesso que o tema instigou meu senso crítico. Veja bem, senhora Marina, sou engenheiro desde 1990. Assim que me formei, construía... à cultura do individualismo. É uma corrida frenética por espaço, ganho, sobrevivência, sim, mas é certo que, em correr tão freneticamente e em construir tantos muros, acabamos por colidir em um deles.

Na entrevista, o senhor Luiz Roberto diz que pensar de forma coletiva é uma tendência minoritária, mas forte. Concordo que tal pensamento é minoritário no consciente coletivo. Freud, no início do século, já falava que, por natureza, o homem atenta contra a sociedade. No entanto, senhora Marina, não vejo o pensamento coletivo atuar fortemente na sociedade hodierna. O que vejo são pessoas em competição ferina, cada uma preocupada consigo mesma, com seus respectivos fones de ouvido; dando, vez ou outra, uma esmola no sinal para aliviar a própria consciência. Como se vê, até mesmo quando o pensamento soa coletivo, está ligado à cultura do individualismo.

Ademais, é interessante ressaltar que o bem comum não é, como a senhora disse, o objetivo que une os homens em sociedade. O que os une é o bem individual que a sociedade proporciona, ou deve proporcionar. É nesta lógica, de construir muros, que vemos o consciente coletivo entrar em profunda depressão. A sociedade narcisista acaba por se afogar em seus imperativos de competição e individualização. Por isso, senhora Marina, é tão importante meu trabalho de construir pontes, metaforicamente falando, é claro. Não basta, como disse o senhor Luiz Roberto, participar das ações coletivas. É preciso que internalizemos o bem comum, que nos liguemos uns aos outros não como forma de aliviar a consciência, mas como propósito-mor da vida em sociedade.

Nesse sentido, é um trabalho hercúleo este de derrocar muros e construir pontes, Senhora Marina. É, porém, um erro crasso não fazê-lo. Fico feliz em ver pessoas do gabarito de Luiz Roberto versar sobre o coletivismo, apontando-nos caminhos para superar esta cultura do individualismo. É preciso, no entanto, que haja mais do que caminhos, é preciso que haja vontade de percorrê-los. Exatamente por isso, solicito que a senhora coloque em sua agenda a defesa, inequívoca, da construção de uma sociedade que valorize o bem comum. Assim, podemos construir um mundo mais justo, mais humano, enfim, mais solidário.

Atenciosamente,

José